

Falece aos 71 anos, o escritor Domingos Gusmão

Faleceu ontem às 18h20min, no Hospital Fernandes Távor, aos 71 anos o escritor autor de Teatro e jornalista Domingos Gusmão de Lima, ex-funcionário do O POVO, e pessoa bastante estimada nesta cidade, principalmente na imprensa, na qual atuou durante muitos anos como linotipista e redator. Ele estava internado desde sexta-feira última, e no final da tarde, de ontem, teve o seu estado de saúde agravado.

O sepultamento de Domingos Gusmão de Lima será realizado hoje, às 9 horas, no Cemitério de Parangaba, saindo o féretro de sua residência a rua Gomes Parente 32, também naquele distrito.

UM LUTADOR

A morte do escritor causou consternação em todas as pessoas que privaram de sua amizade, principalmente seus antigos companheiros linotipistas e veteranos redatores do O POVO e de outros jornais. O jornalista Fenelon Almeida, por exemplo, disse o seguinte sobre Domingos Gusmão de Lima: "Sua preocupação constante foi o povo. Tudo o que ele fazia era visando levar alguns benefícios ao povo, por cujo progresso ele sempre se bateu e fez dos direitos políticos e sociais do povo uma mística e uma ética. Quer dizer: ele alimentava a esperança de um porvir melhor para a sua gente e fazia o que estava ao seu alcance para que esse futuro chegasse mais cedo. E o mais importante é que ele nunca traiu esse ideal. Morreu pobre porque nunca teve ambição pessoal".

O COMEÇO

Domingos Gusmão de Lima nasceu no dia 4 de agosto de 1906, em Recife, Pernambuco. De família pobre, começou cedo a lutar pela vida. Com a idade de 11 anos, ingressou no "Jornal do Recife", em 1917, como funcionário das oficinas. Antes, trabalhou como aprendiz de mecânico na Usina Pessoa de Queiroz, enfrentando péssimas condições de trabalho e arriscando a própria vida. No seu livro "Quase Sepultado Vivo", Domingos Gusmão narra suas terríveis experiências naquele emprego.

QUASE SEPULTADO VIVO

Certa vez, um enorme cargueiro norte-americano "Polar Sea", conduzindo uma carga colossal, bateu nos rechedos do Brum, em Recife, sofrendo várias avarias. A fábrica onde Domingos trabalhava, a Pessoa de Queiroz foi contratada para reparar os danos. Os trabalhadores foram conduzidos em lancha até o "Polar Sea". Eram ao todo 25 pessoas, sendo 17 adultos, inclusive o Mestre e oito menores. A ordem era entrar no navio, em suas galerias, para salvar a embarcação, sem dispor de um estaleiro. A tarefa só poderia ser executada por crianças, porque era impossível um homem descer pelos buracos. Eis o relato de Domingos Gusmão:

"Debalde experimentamos penetrar no buraco introduzindo primeiro os pés. Tivemos que mergulhar de cabeça para baixo, a fim de alcançar logo a passagem da primeira galeria. A absoluta treva, o mau odor reinante e o calor sufocante, davam-nos a impressão que descíamos vivos ao inferno. Certamente o mestre Justino errava nos seus cálculos. As galerias não mediam meio metro de altura. Ali não havia condições nem para se erguer a cabeça. O calor horrível e a ausência de ar transformavam o depósito de água potável do barco num verdadeiro túmulo de ferro. Será que pretendem sepultar-nos vivos?

Entretanto, possuído de gigantesca força de vontade, e aguilhoado pela necessidade de manutenção da família, suportei seis dias nesse trabalho indigno, incompatível até com a minha idade - onze anos. Seis dias nesse mister objeto foram para mim séculos de sofrimentos, arrastando-me na lama fétida e, de vez em quando, bebendo com repugnância, e a contragosto, goles de água imunda.

No domingo, isto é, no sétimo dia, antes do início do trabalho, solicitei, humildemente, ao mestre Justino, retirasse-me daquele lugar, pois sentia que, a qualquer momento desmaiaria e seria sepultado na lama das galerias. O encarregado do serviço ouviu-me assobiando. Olhou-me dos pés à cabeça e, em tom irônico, respondeu: "De certo



Escritor Domingos Gusmão de Lima: exemplo de dignidade

modo, meu filho, você tem razão. Reconheço que o trabalho aqui é danado mesmo. Vem cá: - agarrando-me pelo braço - olha aí em baixo. Já pensou na situação desses homens, pendurados em andaimes improvisados, sentados numa simples tábua, levando sol das sete às cinco horas, todo tempo fustigados pelas ondas que lhes batem nas costas a todo instante, de martelo em punho encontrando cravos? Já estou informado ser o amigo dado aos livros, dono de boa palestra etc. etc. Lamento sinceramente não haver por aqui uma academia de letras! Se o senhor deseja o meu lugar ceder-lhe-ei de boa vontade. Aqui não há o trabalho o bom que pretende. Não há boa vida, o senhor está dessambientado. Mude sua roupinha e dê o fora. Amanhã, às oito horas, apresente-se ao gerente para receber suas contas. Passe bem..."

E foi o que Domingos fez. Mas não contou nada e sua mãe porque, "ela já fazia planos dispondo dos doze mil réis que eu teria de receber na próxima semana..."

Domingos Gusmão ingressou, depois, no "Jornal do Recife", quando já havia terminado o curso primário. Nesse jornal permaneceu até 1930, quando se passou para o "Diário da Manhã", o jornal que pregou a Revolução no Nordeste, trabalhou também "Jornal do Comércio do Recife". Posteriormente, foi para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na "Vanguarda", "Diário de Notícias" e na revista "Detetive". Era um grande linotipista, mas escrevia também artigos sobre os mais variados assuntos.

Em 1940, Domingos Gusmão de Lima ingressou no O POVO, a convite de Demócrito Rocha. Na época, este jornal enfrentava um sério problema: a falta de bons linotipistas. E Domingos veio "salvar a pátria". No seu livro "Quase Sepultado Vivo" ele narra como entrou no O POVO:

"Boa noite. É o Dr. Demócrito Rocha?

-Sim. As suas ordens!

-Recebemos o cabograma solicitando apressar o embarque, mas somente anteontem tivemos vapor para Fortaleza.

Está bem. O senhor Luís Medeiros demorou mas chegou.

-Precisamos esclarecer as cousas, doutor. Eu não sou o linotipista que o Sr. contratou no Recife. O Luís Medeiros não pôde vir em virtude de enfermidade grave num filho. Eu me chamo Domingos Gusmão de Lima, sou funcionário do "Damanhá", em gozo de férias. E a pedido de Luís Medeiros, vim substituí-lo até que ele possa contornar as dificuldades que o impossibilitou de viajar. Entregou-me a passagem que o senhor lhe remeteu para o "Pedro II", e

aqui estou, às ordens do senhor.

Muito bem! Compareça amanhã, às 7 horas, e apresente-se ao Ferreira, que está dirigindo as oficinas. Onde está residindo?

-Aí! defronte, no 1111, Boa noite! No dia seguinte entrei em contato com o Dr. Paulo Sarasate que dirigia a redação, José Raimundo Costa e o Ferreira. Após, fui apresentado aos companheiros Antonio Louro, João Santos, Antonio Vieira (Cazuqué), Otaviano Josino e Mário Josino, que constituíam a velha guarda e sustentáculo do vespertino."

Em 1941, Domingos Gusmão estava no apogeu de sua carreira, sendo conhecido no Recife e no Rio como bom e hábil operador do teço. Dizia ele: Como o jornal dispusesse apenas de duas linotipias, eu compunha com alma e vigor tentando solucionar o problema do acúmulo de matéria".

Graças à sua capacidade, Domingos Gusmão tornou-se o linotipista preferido de Demócrito Rocha para bater a famosa "Nota", escrita pelo fundador do O POVO.

Continua o seu relato: "Faltando dois dias para terminar o meu período de férias, telegrafei ao Luís Medeiros, lembrando-lhe o compromisso que comigo assumira. Eu não poderia partir daqui, sem que o Luís chegasse, sob pena de atrapalhar a boa marcha do serviço. Resolvi ter um entendimento com o Dr. Demócrito no dia 29 de novembro de 1941.

-Doutor, depois de amanhã minha licença chegará ao seu término. E como o senhor sabe, sou empregado no Recife, com nove anos de empresa. Devo apresentar-me depois de amanhã. Telegrafei ao Luís neste sentido, mas não obtive resposta. Estou preocupado.

-E se eu lhe disser que o Luís Medeiros não me interessa mais! Eu não o conheço. Tenho mantido contato permanente com o Sr. Domingos Gusmão de Lima, que satisfaz, plenamente, às exigências do momento...

-Mas doutor, falta-me apenas um ano para estabilizar-me no "Damanhá".

-Isto não constitui problema. Sente-se e vamos conversar. Você vai ao Recife, liquida tudo por lá, no menor espaço de tempo. Você vai ficar conosco para o resto da vida...

E fiquei mesmo..."

Domingos Gusmão trabalhou no O POVO até 1950, mas, depois, retornou. Neste intervalo, foi organizar o "Diário do Ceará", no governo de Fausto de Albuquerque. Organizou e pôs em funcionamento "O Democrata", de Olavo Oliveira. Depois, organizou o mesmo jornal para o Partido Comunista do Brasil.

ESCRITOR, TRIBUNO E TEATROLOGO

Dotado de uma personalidade marcante, Domingos Gusmão de Lima dedicou-se a várias atividades. Escreveu, além de "Quase Sepultado Vivo", inúmeros livros e artigos. Entre os seus livros, citamos: "Variedades", "Crônicas" e muitos outros. Fez também várias peças de teatro, entre as quais "Vovô Índia" e "Maria da Silva".

Dava-se ao luxo de escrever seus artigos na própria máquina linotipo diretamente. Além disso, era um tribuno arrebatador, tendo participado de vários comícios em Fortaleza, notabilizando-se por sua oratória comovente.

Em Fortaleza, dirigiu também a revista "Itinerário", com Aníbal Bonavides. Suas peças teatrais eram consideradas pela crítica especializada como de grande profundidade filosófica. Autodidata, possuía apenas o curso secundário, feito depois de casado e pai de filhos.

FAMÍLIA

Domingos Gusmão casou-se, pela primeira vez, com a Sra. Isaura Lima, de cujo consórcio nasceram os seguintes filhos: José Américo de Lima, atualmente professor da Universidade Federal de Pernambuco; Rubem de Lima, advogado. Com a morte de sua primeira esposa, casou-se pela segunda vez com a Sra. Stelita Arruda de Figueiredo.

Nas festividades de comemoração do cinquentenário de fundação do O POVO, recebeu uma medalha, em solenidade das mais significativas. Mesmo abatido, ele compareceu a este jornal para receber a honraria.